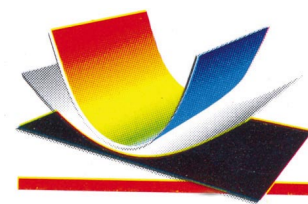


ESPECIAL
JACKSON DO PANDEIRO



A UNIÃO "Paraíba democrática, terra amada"

JOÃO PESSOA, DOMINGO,
30 DE AGOSTO DE 2009



Há 90 anos
nascia...

O Rei do
Ritmo

Uma cidade orgulhosa de seu filho

No mês que Jackson completaria nove décadas de vida, Alagoa Grande homenageia seu filho ilustre com uma grande festa. Desde o último dia 17, artistas consagrados como Genival Lacerda e integrantes do grupo Clã Brasil vêm fazendo shows na cidade numa reverência ao eterno "Rei do Ritmo". A programação se encerra no dia 31 e ainda inclui apresentação de oficinas culturais e de peças teatrais. As atividades são promovidas pela prefeitura local em parceria com o Governo do Estado. E prometem agradar ouvidos e gostos de todos os tipos.

Localizada no Brejo da Paraíba, assim como o resto do Estado, Alagoa Grande testemunhou a escravidão dos negros. Até hoje o tempo conserva casarões que simbolizavam a grandeza econômica nessa época.

Negro, pobre e analfabeto, Jackson do Pandeiro conseguiu mudar a trajetória do seu destino através da música e da dança. Cantor e compositor, ele inovou a forma de fazer forró, samba e os diversos subgêneros, como baião, xote, xaxado, coco, rojão, arrasta-pé, quadrilha, marcha e frevo. Acabou sendo considerado, sem nenhum exagero, como o maior ritmista da história da Música Popular Brasileira. Ao lado de Luiz Gonzaga, foi um dos principais responsáveis pela nacionalização de canções nasci-



Alagoa Grande, no Brejo paraibano, tornou-se famosa por ser o berço do cantor e compositor Jackson do Pandeiro

das entre o povo nordestino.

A discografia de Jackson tem mais de 417 músicas gravadas. Desde sua primeira gravação, "Forró em Limoeiro", em 1953, até o último álbum, "Isso é que é Forró!", de 1981, foram 29 anos de carreira artística, passando por inúmeras gravadoras.

Quem pisa em Alagoa Grande percebe no ato que a cidade não faz menor questão de esconder o orgulho que sente de seu filho tão ilustre. Logo na entrada do município, os visitantes são saudados por um enorme pandeiro com um recado lembrando que o visitante está pisando na terra de Jackson do Pandeiro.

Se alguém decidir descansar à sombra de uma árvore, na praça, por exemplo, também terá a companhia de outra estátua do Rei do Ritmo. E se o turista resolver conhecer melhor a carreira desse cantor tão famoso por ali, poderá dar uma passadinha ao museu dedicado exclusiva-

mente a Jackson do Pandeiro.

O amplo salão do Memorial do Jackson do Pandeiro é cercado por inúmeros objetos pessoais e profissionais do músico. No lugar é possível encontrar itens considerados verdadeiras relíquias pelos fãs. Lá, estão expostas roupas, documentos, letras de música e os pandeiros que acompanharam os bons e os maus momentos da trajetória do músico. Até os restos mortais, trazidos do Rio de Janeiro, são guardados no local.

De acordo com o secretário de Cultura de Alagoa Grande, Severino Antonio Silva, "o Bibiu", o museu recebe a visita diária de quase cem pessoas. São cerca de sete mil visitantes todos os meses. "O museu já se tornou um dos atrativos turísticos do brejo paraibano. Recebemos pessoas de todas as regiões do Estado, que chegam aqui em caravanas para conhecer a vida do homem que é considerado um fenôme-

no da música", destaca.

Caminhando pelos corredores do museu é possível escutar 35 dos 137 discos em vinil e compactos que foram gravados por Jackson. Apesar de o acervo não está completo, "Bibiu" afirma que o local dispõe de todas as músicas gravadas por Jackson. "Ele gravou 417 composições inéditas, sem repetir nenhuma. É um número espantoso. Temos essas músicas em CDs, DVDs e em cópias das apresentações em programas de TV e de rádio", acrescenta.

Guardadas com zelo, nas estantes do museu, estão os pandeiros e demais instrumentos que formaram a carreira artística do paraibano. Ainda há fotos, capas de revistas, recortes de jornais e uma coletânea sem fim de filmes, de trechos de programas de televisão e de rádio. No museu, é fácil perceber que os colecionados guardam com muito carinho um pedaço de cada fase vivida pelo filho de Alagoa Grande.

Um ritmista sem páreo



As luzes acendem. Um homem franzino de chapéu e segurando um pandeiro surge diante do delírio do público. Com batidas no instrumento e uma voz afinada, ele mostra por que é considerado o maior ritmista de todos os tempos. Seu nome é Jackson do Pandeiro, homem simples, nascido no interior da Paraíba, que conquista os palcos do Brasil, mostrando uma música tão contagiante quanto mágica.

Natural de Alagoa Grande, localizada a 111 quilômetros de João Pessoa, o menino negro, pobre e analfabeto estava condenado a um futuro sem cor e sem brilho. Mas reescreveu o próprio destino usando a sintonia certa das letras e notas musicais. Apesar de nunca ter frequentado escola, ele se tornou mestre na arte de dançar e cantar ritmos nordestinos como xaxado, forró, samba, baião e xote. Virou um baluarte da música nordestina e até referência para uma geração inteira de artistas.

Nascido em 31 de agosto de 1919, Jackson é motivo de orgulho para a Paraíba inteira. Foi um artista que se dedicou à música até a hora da morte. Os palcos que testemunham seus dias de glória foram os mesmos que o viram se despedir da vida, quando enfartado, saiu de um show para morrer num hospital.

Se vivo fosse, Jackson faria agora 90 anos de idade. Seus principais trabalhos, sua vida e seu talento serão destaques nesta homenagem que o jornal A União presta a esse artista que escreveu o nome da Paraíba na história da música popular brasileira.



A UNIÃO

SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - Paraíba. PABX: (0xx83) 3218-6500 - FAX: 3218-6510 - Redação: 3218-6511/3218-6512

www.paraiba.pb.gov.br

Superintendente
NELSON COELHO DA SILVA

Diretor de Operações
MILTON FERREIRA DA NÓBREGA

Diretor Técnico
WELLINGTON H. VASCONCELOS DE AGUIAR

Diretor Administrativo
CRISTIANO XAVIER DE LIRA MACHADO

Editor Geral
JOÃO EVANGELISTA

Editor de Cadernos Especiais
WILLIAM COSTA

Reportagem
NATHIELLE FERREIRA

Editoração Eletrônica
ULISSES DEMÉTRIO

CONSELHO EDITORIAL

Lena Guimarães, Genésio de Sousa, Nelson Coelho, Wellington Aguiar, Cristiano Machado, Milton Nóbrega, João Evangelista, Linaldo Guedes, João Pinto (API), Land Seixas (Sind. Jornalistas), Juarez Farias (APL), Luiz Hugo Guimarães (IHGP), Rômulo Polari (UFPB) e Thompsom Mariz (UFCG)



O início de tudo

Vencendo obstáculos

Quem conhece a trajetória de sucesso de Jackson do Pandeiro nem imagina as dificuldades que ele teve que enfrentar para conquistar a fama e a admiração do país inteiro. Os escritores e jornalistas Fernando Moura e Antonio Vicente resolveram pesquisar esse passado e narrar detalhes dessa história no livro: "Jackson do Pandeiro, o Rei do Ritmo". Ao longo das mais de 200 páginas, os autores escrevem uma biografia do músico e contam como um menino pobre, analfabeto e nascido no interior da Paraíba se tornou estrela na rádio, na televisão, do cinema e até referência para uma geração inteira de artistas.

O primeiro parágrafo dessa história começa no dia 31 de agosto de 1919. Em meio à simplicidade do campo, no pacato Engenho Tanques, em Alagoa Grande, nasce um menino franzino e saudável. Era o primeiro filho da cantadora de coco, Flora Maria da Conceição, a Flora Mourão, com o oleiro José Gomes. A criança recebia o nome do pai e era batizada pelo nome de José Gomes Filho.

Vivendo uma vida de sacrifícios, sustentando a casa com o dinheiro ganho através da fabricação de tijolos, o patriarca da família tem uma morte prematura e não assiste ao crescimento dos três filhos. A mãe fica sozinha com a missão de criar as crianças. Mas, sem emprego certo, ela é vencida pelas dificuldades. Todos passam por sérias restrições. Antonio Vicente e Fernando Moura narram que Jackson e sua irmã, Severina, chegam ao ponto de remexer no lixo em busca de alimento.

Jackson vive num ambiente modesto. Casa simples, sem muito conforto. Não frequenta escolas e nem é alfabetizado. Mas encontra em casa a professora que precisava para se aprofundar naquilo que mais gostava de fazer: cantar.

Apesar de não ter estudo, Flora foi quem mais inspirou a carreira do jovem pandeirista. Apaixonada pela música, ela tocava e dançava coco, um ritmo tipicamente nordestino. A moça fazia pequenos shows pelas redondezas de onde morava e pagava as despesas domésticas com o dinheiro que faturava nessas apresentações.

Costumava ensaiar as coreografias em casa mesmo, ao lado dos outros artistas de seu grupo. Inconscientemente, ia criando o filho dentro do compasso da música e dando a ele, talvez, a única oportunidade de ter um futuro melhor. O menino via e acompanhava tudo de perto. Acabou decorando as letras e os passos. Não demorou muito e já estava fascinado pelos encantos da música.

Em casa, Jackson dedilhava os instrumentos que encontrava entre as coisas da



O menino pobre de Alagoa Grande era franzino, mas tinha obstinação para mudar o destino



Em casa, Jackson dedilhava os instrumentos que encontrava entre as coisas da mãe.

Sonhava em ganhar uma sanfona, em fazer show, mas tudo que recebeu foi um velho pandeiro comprado a duras penas por Flora

mãe. Sonhava em ganhar uma sanfona, em fazer show, mas tudo que recebeu foi um velho pandeiro comprado a duras penas por Flora. Graças a essa curiosidade latente, é que aos 12 anos, ele já sabia tocar zabumba, reco-reco e ganzá. E até fazia shows ao lado da mãe e dos amigos artistas dela.

Apaixonado por instrumentos, o garoto

gostava de tocar o pandeiro e de assistir filme de banguê-banguê. Imitava algumas cenas nas brincadeiras que fazia com moleques da vizinhança. Decide, então, adotar o apelido de Jack, famoso ator do cinema, na época.

Não suportando mais passar por tanta necessidade, Flora decide viver perto de parentes em Campina Grande. Jack tinha só 13 anos quando caiu na estrada. Mãe e filhos caminham quatro dias a pé. Pisando na Rainha da Borborema, Jackson vai trabalhar numa padaria e passa a assumir as despesas da casa. O tempo passa e ele se envolve ainda mais com a música. Faz amigos entre artistas e casa e separa pela primeira vez. É nessa época que o rapaz tem contato com um grupo musical e vê seu apelido de infância, Jack, se transformar em nome artístico.

Jack começa a fazer pequenos shows, mesmo sendo menor de idade. Passa a tocar numa banda. Percebendo o talento do garoto para a música, os outros artistas fazem uma pequena economia e o presenteia com um pandeiro. É com esse instrumento que ele realiza seus primeiros shows e dá os passos em direção a um caminho de glória.

Da padaria ao famoso cassino El Dorado

Apesar de fazer tímidos trabalhos como músico, a fonte de renda de Jack continua sendo mesmo a padaria. Mas uma novidade estava prestes a mudar aquela realidade. Do balcão onde vendia pães, Jackson vê a construção o Cassino Eldorado, o mais famoso cabaré do Brasil, da década de 30. A sofisticação do estabelecimento é de encantar os olhos. Além do luxo dos apartamentos, o local oferece músicas e dançarinas ao vivo. A direção contrata uma série de artistas. Entre eles, Jack.

Tocando no Eldorado, o rapaz, então com 25 anos, conhece de perto ritmos como jazz, blues, tango e samba. Também é apresentado a artistas e pianistas. E se torna conhecido como o músico Jackson do Pandeiro.

A temporada no Eldorado dura muito tempo. Mas em 1944, Jackson deixa a família em Campina Grande e resolve partir para João Pessoa. Trazendo na bagagem o sonho de achar melhores oportunidades, ele chega à Capital de noite. Procura um amigo e passa a morar na casa dele de favor. Para aliviar as dificuldades, Jackson aceita cantar e tocar em cabarés que já estavam instalados naquela época no Centro. Trabalhando em casas noturnas, ele acumula experiência e lapida um talento que estava apenas sendo revelado.

Com a criação da Rádio Tabajara pelo governador Argemiro de Figueiredo, a sorte do artista já começa a melhorar. Convidado para trabalhar na empresa, ele conquista audiência e simpatia dos ouvintes com seu gingado ritmado. Com emprego e salário certo no final do mês, Jackson resolve trazer a mãe e os irmãos para viverem com ele em João Pessoa.

Perto da família, tudo parecia uma história com final feliz. Mas o destino estava prestes a preparar mais uma surpresa para Jackson. Porém, desta vez, não seria satisfatória. Cinco anos após chegar a João Pessoa e sofrendo de diabetes, Flora tem complicações e fica acamada. A doença evolui e a mãe do Jackson do Pandeiro falece, em agosto de 1946. Órfão, Jackson assume o papel de pai e mãe dos irmãos e prossegue a carreira sem os olhares atentos de Flora. Mesmo em luto, junta as forças que restam para levantar voos ainda mais altos. Em 1948, deixa os irmãos em João Pessoa e segue para Pernambuco.

ALMIRA CASTILHO

O coração fala mais alto

Na terra do frevo, é contratado pela Rádio Jornal do Comércio. No ritmo do samba, Jackson cativa audiência dos pernambucanos. Vira notícia. É convidado para cantar em programas de televisão, em shows em praças públicas e fica aclamado no Estado todo. Tocando muito bem vários instrumentos, como bateria, violino e pandeiro, ele é chamado até de "homem orquestra". Foi assim, subindo e descendo dos palcos da vida, que Jackson do Pandeiro constrói uma carreira digna dos artistas mais consagrados do Brasil.

Por essas épocas, aparecia em Recife, uma moça alta, bonita, branca, elegante e bastante inteligente. Seu nome era Almira Castilho de Albuquerque. Natural de Olinda, ela era professora, atriz e dançarina. Foi aprovada numa seleção e começou a trabalhar na Rádio Jornal do Comércio. Lá, conheceu Jackson.

Os dois não tinham intimidade e se limitavam a trocar cumprimentos

formais pelos corredores da empresa. Mas essa relação estava com os dias contados para terminar. A rádio resolve produzir um evento pré-carnavalesco. O evento atrai vários empresários americanos para Recife, ansiosos por fechar negócios com os diretores pernambucanos.

Almira e Jackson são escalados para trabalhar juntos. E surpreendem a todos com uma música alegre e divertida. É "Sebastiana", forró de autoria de Rosil Cavalcanti, que chegava para selar o destino de Jackson do Pandeiro. A composição explode no carnaval e ganha ainda mais brilho com a apresentação de Almira e Jackson, que pareciam se completar no palco.

Enquanto ele toca e canta, ela interpreta a coreografia e mostra uma dança quase perfeita. Os dois viram a sensação do momento. Passam a fazer shows pelo interior de Pernambuco e chegam ao Rio de Janeiro. Viram manchete de jornal. "Sebastiana" é tocada nas ruas, nos corredores, nos carros.



Jackson do Pandeiro e Almira Castilho dividiram a casa e o palco, até 1967

O encontro com Luiz Gonzaga e a viagem ao Rio de Janeiro, de navio

O Rei do Baião, Luiz Gonzaga, chega em Recife e ouve falar de Jackson do Pandeiro. Também contratado para fazer shows pela Rádio Jornal do Comércio, Gonzaga é acostumado a farejar talentos. Quando conhece Almira e Jackson, Luiz não perde tempo e já convida os dois para trabalharem no Rio. Apesar de tentadora, a proposta é rejeitada pela dupla.

O sucesso de "Sebastiana" ultrapassa as fronteiras e chega ao Rio de Janeiro. Conquista fãs cariocas. Donos de gravadoras procuraram saber quem é o cantor daquela melodia que envolvia tanta gente. Descubrem Jackson do Pandeiro, em Recife.

Na mesma época, nasce outro sucesso: "Forró do Limoeiro", que também se torna a sensação das rádios. Surgem mais propostas de negócios. Algum tempo depois, Jackson não tem mais como fugir de seu destino e fecha contrato com a gravadora Copacabana para gravar seu primeiro disco. Isso ocorre em 1953.

Foi o próprio pandeirista o responsável pela seleção das músicas. O LP foi gravado, em condições precárias, na própria Rádio Jornal do Comércio. Os sucessos "Sebastiana" e "Forró do Limoeiro" são responsáveis pela venda de 50 mil cópias em apenas algumas semanas.

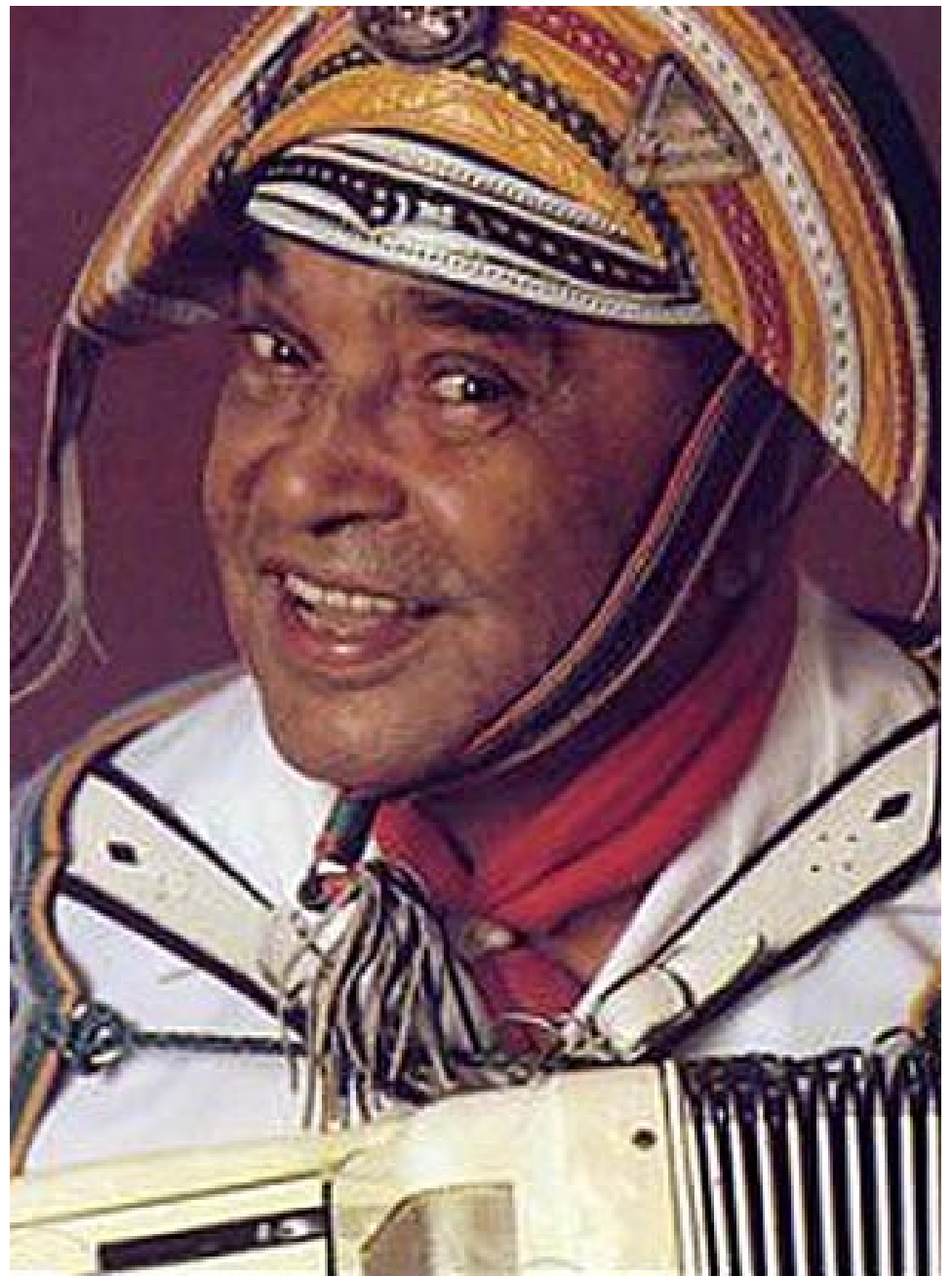
Almira passa a cuidar dos negócios da dupla. Ela alfabetiza Jackson, trata do guarda-roupa e atende os contratantes. Os dois começam a namorar.

Embora os sucessos de "O forró do limoeiro" e "Sebastiana" já tenham chega-

▼ Jackson do Pandeiro chega ao Rio de Janeiro em 19 de abril de 1954. Fica vislumbrado com o que vê. Passa a ganhar cinco vezes mais que um cantor popular iniciante

do ao Rio de Janeiro, o cantor não tinha pisado na terra carioca. Por medo de avião, ele dava desculpas para adiar a viagem. Depois de muita insistência, o paraibano decide ir à Cidade Maravilhosa. Segue viagem de navio. Almira vai de avião.

Assim que pisa na terra carioca (Jackson chega ao Rio em 19 de abril de 1954), fica vislumbrado com o que vê. Passa a ganhar cinco vezes mais que um cantor iniciante e estava prestes a ficar rico. Começa a dar entrevista a jornais, rádios, programa de televisão. Ao lado de Almira, também se apresenta em todos os veículos de comunicação do Estado. Os lucros da dupla passam a superar todas as marcas e os shows se espalham por todo o país. Os dois fazem sucesso até na Argentina.



Luiz Gonzaga tinha intuição apurada e percebeu logo o talento de Jackson do Pandeiro

DECEPÇÃO

A briga em Pernambuco

Almira e Jackson ainda mantinham contrato com a Rádio Jornal do Comércio e são obrigados a voltar para Pernambuco para cumprir com suas atividades profissionais. Porém, a dupla já era aclamada pelos fãs. "Sebastiana" estava entre as músicas mais tocadas em todas as rádios do Nordeste. A dupla faz shows pelo interior da região. Com sorte nos negócios e sorte no amor, eles também decidem se casar.

Apesar de conquistar uma legião de fãs na terra do frevo, um incidente faria Almira e Jackson abandonarem Recife. O caso ocorreu numa festa da alta sociedade, onde o casal foi convidado para cantar. Durante o show, ocorreu uma confusão e os artistas foram espancados. Como o fato envolvia pessoas influentes na cidade, o caso é tratado com desprezo pela polícia e imprensa. Decepcionados, Almira e Jackson rompem o contrato com a Rádio Jornal do Comércio e resolvem partir para o Rio de Janeiro.

Na terra carioca, fecham negócio com a gravadora Copacabana e lançam o primeiro LP. Nessa época, Jackson é acusado pela primeira mulher, Maria da Penha, de ser bígamo e adúltero. Ela ingressa com ação na Justiça exigindo indenização pelos danos morais. O caso vira manchete nos jornais. Mas logo a confusão é desfeita. Com a ajuda de amigos, Jackson consegue provar sua inocência no Tribunal.

Com a carreira em ascensão, o paraibano é convidado para apresentar programas de televisão. O menino que cresceu assistindo as aventuras de banguê-banguê na televisão também vira ator na tela do cinema e grava nove filmes.

Ao lado de Almira, o paraibano segue a vida feliz. O casamento civil ocorre dez anos após a cerimônia religiosa. No entanto, a união dura pouco tempo. Três anos depois, Almira se separa de Jackson após descobrir que ele a traía. Os dois se divorciam.

Jackson conhece Neuza Flores. A baiana chega à vida do artista numa fase muito difícil. Vítima de um acidente de carro, o pandeirista passa mais de um ano prostrado sobre uma cama. Sem poder trabalhar, ele passa por dificuldades financeiras e chega a depender de cestas básicas doadas pelos irmãos para sobreviver.

É Neuza Flores quem estende a mão para o paraibano, como ela mesma lembra, hoje, quase 30 anos depois. "Naquela época, as músicas internacionais estavam chegando no Brasil. E os cantores brasileiros ficaram escanteados. Muitos venderam os instrumentos que tinham para não passar fome", afirma Neuza.

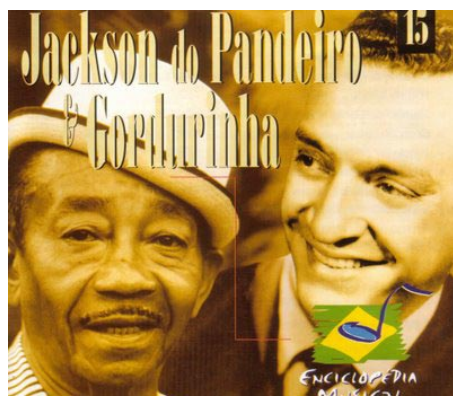
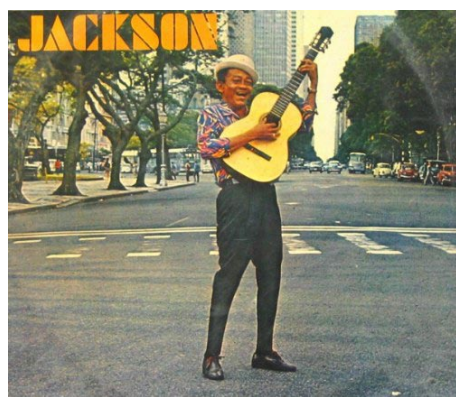
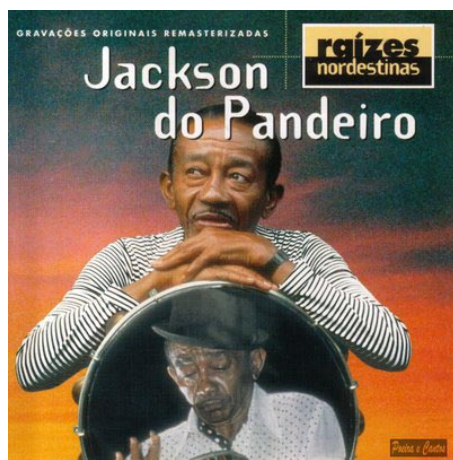
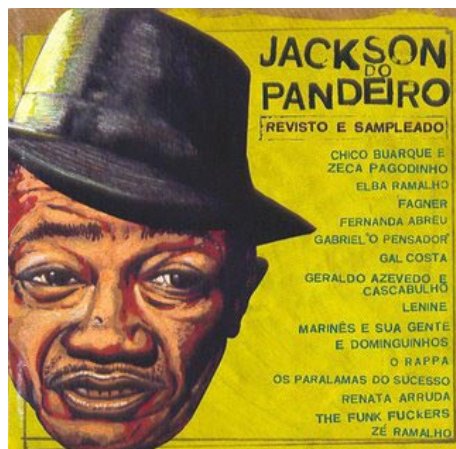
A sorte de Jackson começa a mudar. Com a ajuda de cantores como Gal Costa, Alceu Valença e Gilberto Gil, ele começa a se erguer. Neuza e o pandeirista vivem juntos por 15 anos. São separados apenas pela morte.



Jackson e Almira são espancados durante uma confusão em Recife. O fato teria motivado o casal a partir definitivamente para o Rio de Janeiro

DISCOGRAFIA

Em cada faixa, uma ini



"Eu só boto be-bop quando o Tio Sam"

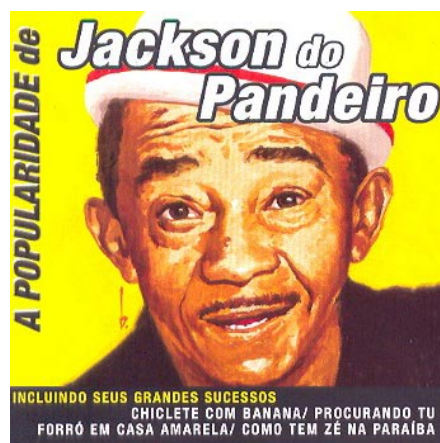
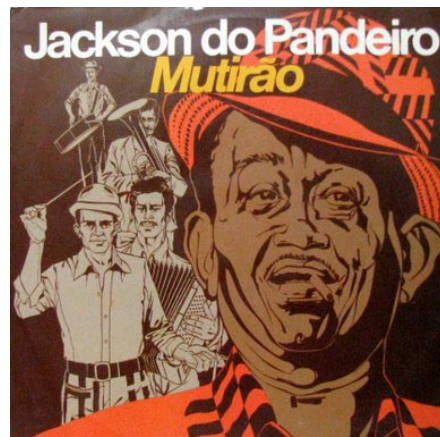
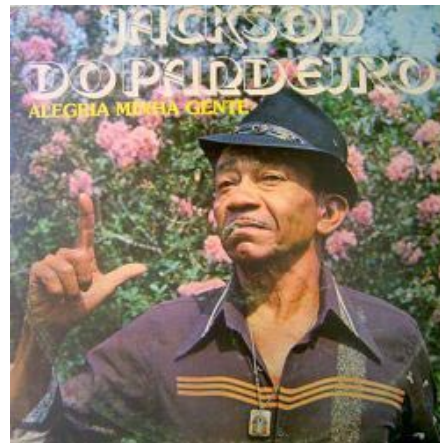
Jackson do Pandeiro legou ao Brasil uma coleção de discos, entre autorais e coletâneas. Os LPs são fontes de prazer, para os fãs e para os estudiosos da música brasileira. É uma música de sinfonia, de swingue, de jingado. Uma música que pode ser ouvida em qualquer lugar: ouvir baião, xote, coco, samba.

gualável aula de ritmo



o no meu samba
tocar um tamborim..."

Brasil mais de 400 músicas, e dezenas
neas, levam a sua assinatura. Hoje, os
ouvintes, e de pesquisa para os
Em cada faixa, uma aula de ritmo, de
a perfeita para quem gosta de dançar
a, xaxado, seus ritmos preferidos.



10 DE JULHO DE 1982

Luto na música brasileira



Em Brasília, Jackson do Pandeiro permaneceu em coma por quatro dias. Recobra os sentidos, mas falece no dia 10 de julho de 1982. A voz alegre do eterno menino de Alagoa Grande calava-se para sempre

Alegre, divertido, brincalhão. As características joviais de Jackson do Pandeiro chegavam a confundir até mesmo a própria idade. Mas a aparência sempre feliz do artista escondia um histórico de diabetes que acometia a família dele há muito tempo.

De acordo com Neuza Flores, Jackson não se preocupava com a saúde. "Era eu quem cuidava da alimentação dele, que olhava a dieta, a medicação. Sempre viajava com ele para prestar atenção a essas coisas", afirma a viúva.

Era sempre a companheira quem cuidava da alimentação e dos remédios do cantor. Mas houve uma viagem que ela não pode acompanhar o artista. Foi dessa viagem que Jackson não retornou mais.

Jackson é convidado para uma cumprir uma agenda de sucessivos shows em Brasília. Mas antes de partir para a Capital Federal, ele precisa fazer uma apre-



Quarta-feira, 23 de junho de 1982. Jackson está no palco, fazendo um show, quando em certo momento passa mal. Sofre o primeiro enfarte. Ignora a gravidade e continua a apresentação

sentação em Pernambuco. No auge dos 63 anos, com alimentação desregrada e sem tomar os medicamentos para controlar os índices de açúcar no sangue, ele sofre um ataque de coração.

Era quarta-feira, 23 de junho de 1982. Jackson estava no palco, fazendo um show, quando em certo momento passa mal. Sofre o primeiro enfarte. Ignorando a gravidade da situação, continua com a

apresentação. No dia seguinte, sente novo mal estar. Desta vez, não consegue concluir o espetáculo. É atendido por um médico que constata o infarto. E orienta que o cantor descanse e procure um tratamento especializado. Esses primeiros ataques ocorrem em Santa Cruz do Capibaribe (PE).

Alguns dias depois, quase uma semana, o paraibano continua com sua agen-

da de shows e viaja para Brasília. No dia 3 de julho de 1982, o cantor estava tocando num clube recreativo na Capital Federal. A voz começa a falhar, mas o pandeirista canta até o fim.

Ele ficará convencido da gravidade do problema, algumas horas depois, quando já estivesse no aeroporto, tentando voltar para casa. Após falar com Neuza por telefone, Jackson senta-se numa cadeira e fica imóvel por algum tempo. As pessoas em volta pensam que ele está dormindo, mas só quando um companheiro da banda se aproxima é que percebe que, na verdade, ele está inconsciente. Era coma.

Socorrido às pressas para o hospital, o pandeirista segue direto para a unidade de terapia intensiva. Permanece em coma por quatro dias. Recobra os sentidos, mas falece no dia 10 de julho de 1982. Morre aos 63 anos, após ter lançado 415 canções.



Neuza Flores, viúva de Jackson do Pandeiro, contempla um desenho do maior amor de sua vida. Eles se conheceram em 1967, em São Paulo, e viveram juntos, casados, por 15 anos

SAUDADE

Um luto de 27 anos

É sentada na sala de seu modesto apartamento, localizado no bairro dos Bancários, em João Pessoa, que a baiana Neuza Flores relembra os 15 anos mais felizes de sua vida, tempo que viveu ao lado de Jackson do Pandeiro.

Sorridente, a viúva lembra bem aquele dia que conheceu o artista tão famoso. "Ele iria se apresentar numa casa de show, em São Paulo. Eu trabalhava e morava por perto e resolvi ir até lá. Cheguei cedo, descobri que ele e Almira estavam num bar e me aproximei. Disse que era uma fã e fui bem tratada", conta.

A moça assistiu ao show e já estava pronta para ir embora, quando um músico a barra na saída. E dá uma informação intrigante: "Jackson quer falar com você". "Fiquei me perguntando o que ele homem tão importante queria comigo. Não demorei para descobrir. Ele



"Nunca deixei de amá-lo e ainda guardo o luto. Não casei de novo e nem encontrei outro homem que amasse tanto. Jackson era o homem que eu queria viver até o fim da minha vida." (Neuza)

disse que estava se separando de Almira e me convidou para jantar. Quando me levou para casa e conheceu meus pais, pediu minha mão em casamento e já mandou eu arrumar minhas malas para ir morar com ele", afirma.

Neuza tinha 24 anos. Jackson, 48 anos. A diferença na idade não foi empecilho para a união dar certo. Ao lado dela, o cantor teve forças para superar os momentos mais difíceis da vida e da carreira. "A fase mais difícil foi durante

o acidente que ocorreu oito meses depois. Nós tínhamos uma vizinha com câncer. O marido dela pediu para Jackson ir buscar um médico. Ele foi junto com o marido e eu. Mas no caminho, bateu o carro. Jackson saiu ferido e o marido da vizinha morreu. Fui a única que saiu apenas com escoriações", explica Neuza.

Devido aos ferimentos, o cantor fica sem trabalhar durante um ano. O casal passa por dificuldades financeiras. Mas

logo a situação é superada. Até que ocorre a morte. O corpo foi enterrado no Rio de Janeiro, mas os restos mortais foram trazidos para Alagoa Grande (PB) em 2008.

Sem o marido, Neuza fica em depressão durante um ano. Consegue se recuperar, vai morar com parentes e prossegue com a vida. Hoje, ela conta, com bastante bom humor, que o que sobrou da união foram apenas boas lembranças. "Tudo que tinha dele, doei para o museu de Alagoa Grande. Fiz questão de compartilhar com as outras pessoas a alegria de conhecer Jackson. Ele era uma pessoa divertida que gostava da vida", justifica.

"Nunca deixei de amá-lo e ainda guardo o luto. Não casei de novo e nem encontrei outro homem que amasse tanto. Jackson era o homem que eu queria viver até o fim da minha vida", declara Neuza.

AULA DE MÚSICA

"Sebastiana" fez escola

Jackson gravou o primeiro grande sucesso em 1953. Na época, ele estava com trinta e cinco anos. De composição de Rosil Cavalcanti, "Sebastiana" foi a música que se consagrou como o mais importante trabalho de Jackson feito até hoje.

Logo depois, surgiu outro grande hit: "Forró em Limoeiro", rojão composto por Edgar Ferreira. Jackson estava numa rádio pernambucana quando conheceu Almira Castilho de Albuquerque, com quem se casou em 1956 vivendo com ela até 1967. Depois doze anos de convivência, Jackson e Almira se separaram e ele casou com a baiana Neuza Flores dos Anjos, de quem também se separou pouco antes de falecer.

No Rio, já trabalhando na Rádio Nacional, Jackson alcançou grande sucesso com "O Canto da Ema", "Chiclete com Banana", "Um a Um" e "Xote de Copacabana". Os críticos ficavam abismados com a facilidade de Jackson em cantar os mais diversos gêneros musicais: baião, coco, samba-coco, rojão, além de marchinhas de carnaval.

O fato de ter tocado tanto tempo nos cabarés aprimorou sua capacidade jazzística. Já com 63 anos, sofrendo de diabetes, ao fazer um show em Santa Cruz de Capibaribe, sentiu-se mal, mas não quis deixar o palco.

Já estava enfartado, mas continuou cantando. Fez mais dois shows nessas condições, apesar do companheiro Severo ter insistido com ele para cancelar os compromissos: ele não permitiu. Indo depois cumprir outros compromissos em Brasília passou mal, tendo desmaiado no aeroporto e sendo transferido para o hospital. Dias depois, faleceu de embolia cerebral, em 10 de julho de 1982.

O QUE OS OUTROS
ARTISTAS FALAM
SOBRE JACKSON

"Dava gosto de ver. Jackson quebrava o ritmo, brincava com a letra, tocava e cantava com propriedade. Era um artista perfeito". A declaração acompanhada por uma entonação cercada por orgulho e satisfação vem do cantor Flávio Eduardo Araújo, mais conhecido como "Fuba".

Consagrado carnavalesco de João Pessoa, Fuba ficou conhecido pelo hino das "Muriçocas de Miramar", o maior bloco de carnaval de João Pessoa. Mas o que muita gente não sabe é que Fuba também gravou músicas em outros ritmos nordestinos, como forró. "Minha inspiração, minha influência, tudo veio de Jackson do Pandeiro. Não apenas para



A música de Rosil Cavalcanti é considerada a marca registrada de Jackson do Pandeiro. Até hoje faz sucesso

mim, mas ele influenciou uma geração inteira de músicos", afirma.

Fuba observa que o trabalho de Jackson abriu os caminhos para outros artistas passarem. "Esses cantores que surgiram na década de 60, como Alceu, Elba, Moraes Moreira, Fagner, Caetano, todos foram influenciados pelo ritmo de Jackson. Ele era um artista completo, considerado o baluarte da música nordestina. E inspirou até as gerações mais novas, que surgiram após sua morte", analisa o músico.

Admitindo ser um fã incondicional de Jackson, Fuba revela que era chegou até a conhecer o ídolo pessoalmente e aproveitou a ocasião para tomar algumas lições com o mestre. "Comecei minha carreira aos nove anos de idade. Costumava assistir os shows de Jackson e uma vez tive a oportunidade de conversar com ele. Aprendi muito e guardo os ensinamentos até hoje. Ele é um artista em forma de fenômeno", afirma.

Xaxado, forró, baião. Não importa qual fosse o estilo de música nordestina. Jackson do Pandeiro dominava todos. Por isso, ele se tornou tão aclamado pelos fãs. Badu, integrante do grupo musical, "Clã Brasil" que o diga. Para ele, Jackson está entre os maiores artistas que o Brasil já viu.

"Quando ele cantava, a gente percebia a vontade que ele dedicava à música. Seus passos, seus toques, seu voz, seu talento. Tudo isso influenciou e influenciou os músicos. Jackson é uma espécie de cartilha que todos os artistas têm a obrigação de ler", ressalta.

O Clã Brasil irá fazer uma homenagem a Jackson do Pandeiro no dia 31 de agosto. Interpretando músicas do paraibano, os integrantes do grupo irão realizar um grande show na cidade de Alagoa Grande, durante os festejos organizados pela prefeitura local.



Artistas paraibanos reconhecem o imenso valor de Jackson do Pandeiro para a música brasileira

PARA NÃO ESQUECER

Esquentais vossos pandeiros

Nesta segunda-feira, 31 de agosto, data de aniversário dos 90 anos de nascimento de Jackson do Pandeiro, a Associação Cultural e Recreativa Anjo Azul, sob curadoria da Trato Assessoria e Produção Cultural, dá início, em Alagoa Grande, terra natal do artista, às oficinas de teatro do projeto Esquentais Vossos Pandeiros Jacksonianos, especialmente para a população da cidade. O projeto contempla, ainda, atividades de música, artes cênicas, artes plásticas, cinema e palestra. O projeto foi contemplado no edital 2008 do Fundo de Incentivo à Cultura Lei Augusto dos Anjos (FIC).

"Temos como principal objetivo aproximar a nova geração dessa produção cultural que cresce, nas diferentes vertentes jacksonianas", afirmou Ednamay Cirilo, presidente da Associação Cultural Anjo Azul. Como forma de estimular essa aproximação serão realizadas oficinas de teatro, em Alagoa Grande, de música e artes visuais em João Pessoa. O projeto surgiu do anseio da Associação Anjo Azul em interligar as cidades de João Pessoa e Alagoa Grande através da obra de Jackson do Pandeiro, preservando assim sua memória.



Com projeto aprovado pelo Fundo de Incentivo à Cultura (FIC), Associação Cultural e Recreativa Anjo Azul promove uma série de atividades em João Pessoa e Alagoa Grande em homenagem ao aniversário de nascimento de Jackson do Pandeiro

As oficinas têm como público alvo artistas, estudantes municipais e iniciantes em teatro, música e artes visuais. "Acreditamos que o contato de forma lúdica com as produções de Jackson do Pandeiro propiciará aos jovens a expansão dos conhecimentos e o interesse por buscar novas informações", ressaltou Ednamay.

O projeto será encerrado no mês de novembro, com uma festa em duas etapas: primeiro em Alagoa Grande, uma espécie de revista carnavalesca, e, posteriormente, em João Pessoa, onde serão apresentados os resultados dos três meses de oficinas, na sede oficial da Associação Cultural Anjo Azul, localizada no Centro Cultural do Terceiro Setor Thomás Mindello, tendo a palestra sobre a vida e obra de Jackson do Pandeiro como tema central da noite.

OFICINAS/ ARTES PLÁSTICAS

Tem como objetivo promover o acesso as artes plásticas, como atividade que acolhe e interage diretamente jovens, adultos, melhor idade. A oficina Jacksoniana buscará representar a musicalidade do Rei do Ritmo através de telas e estandartes trabalhando cores e brilho. Acreditamos que assim vamos despertar, positivamente, as emoções pela arte dos caminhos percorrido por Jackson do Pandeiro. Oficineira: Dulce Abstrato.

OFICINAS/ MONTAGEM TEATRAL

Proporcionar aos alunos-atores uma vivência teatral completa, des-

de sua concepção, passando pela preparação do ator, construção do personagem, ética teatral, jogos dramáticos, improvisação, expressão corporal, caracterização, cenografia, concepção de figurinos, música, linha temática de iluminação, pesquisa e experimentações práticas de grupo. A oficina culminará na montagem de uma performance teatral/musical intitulada "Rei do Ritmo" em comemoração aos 90 anos de Jackson do Pandeiro. Oficineiro: Netto Ribeiro.

OFICINA/ PERCUSSÃO (PANDEIRO)

O pandeiro tem origem moura e é utilizado nos contextos erudito e popular. Jackson do Pandeiro é um dos maiores nomes da Música Brasileira e soube miscigenar sonoridades múltiplas, trazendo para nossos ouvidos as mais suingadas canções de nosso cancioneiro popular. Nossa oficina trabalhará ritmos brasileiros, fazendo uso do repertório de Jackson do Pandeiro, procurando desenvolver técnicas básicas para o aprendizado do pandeiro, buscando aliar teoria e prática em atividades de canto e execução instrumental. Oficineiro: Ely Porto.

Alagoa Grande transformou-se em um grande palco de homenagens ao seu filho mais ilustre. Um imenso pandeiro, na entrada da cidade, dá a ideia exata do amor que lhe dedicam os conterrâneos





Ainda falta um **gênio** no panteão da música brasileira

Com um pandeiro e um jeito simples e malando de ser, ele conquistou o Brasil, transmitindo sua música alegre e irreverente, inspiradas em assuntos verdadeiramente populares, pelo rádio, pela vitrola e pela televisão. Influenciou e continua influenciando artistas dos mais diversos estratos estéticos, de João Bosco a Zé Ramalho, de Raul Seixas a Lenine, do Cascabulho ao Clã Brasil. Morreu pobre e quase esquecido, mas deixou uma herança tão rica para a cultura musical brasileira, que o país, um dia, como faz hoje a Paraíba, precisa ter a dignidade de baixar a cabeça e reconhecer seu enorme talento, levando-o ao panteão dos grandes artistas, para ser recebido, de braços abertos, pelos gênios que tiveram melhor sorte que ele na memória nacional. Parabéns, Jackson do Pandeiro, pelos seus 90 anos!